



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

DOI: <http://doi.org/10.20873/ENSIDANCE>

ENSINAGEM EM DANÇA NAS AÇÕES DO PROJETO PIBIX/UFS

DANCE TEACHING IN THE PIBIX/UFS PROJECT ACTIONS

LA ENSEÑANZA EN DANZA EN LAS ACCIONES DEL PROYECTO PIBIX/UFS

Jonas Karlos de Souza Feitoza¹

Ana Carolina Frinhani²

Débora Araújo Moreira³

Recebido 22/10/2024	Aprovado 07/01/2025	Publicado 17/01/2025
------------------------	------------------------	-------------------------

RESUMO: O presente artigo fomenta a improvisação em dança como possibilidade de práticas extensionistas para pessoas com deficiência de modo inclusivo por um processo de *ensinagem* (Anastasiou, 2005). O recorte do estudo ocorreu com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão (PIBIX), na Universidade Federal de Sergipe (UFS), com o Projeto Interfaces da Dança (Departamento de Dança), tendo como público-alvo pessoas com deficiência. Objetivamos promover um ensino de dança pautado nas singularidades de cada corpo para o planejamento das aulas. A metodologia implicada com as formas de improvisação em dança com ou sem acordos prévios (Guerrero, 2007) estruturaram o desenvolvimento das aulas e contribuíram para a efetivação da inclusão da pessoa com deficiência no programa PIBIX/UFS. O projeto contemplou 40 pessoas com múltiplas deficiências em um processo efetivamente de inclusão e respeito às diferenças.

¹Artista/Professor/Pesquisador. Docente Adjunto do Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutor em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC-USP/SP). Mestre em Dança pelo Programa de Pós-graduação em dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

²Doutoranda em Educação pelo PPGED/UFS. Bacharel, Licenciada e Mestre em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Especialista em Produção de Mídia para a Educação Online (UFBA); Integrante do Elétrico: Grupo de Pesquisa em Ciberdança; Exerce docência no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente é Oficineira no CAPS AD III Primavera.

³Licenciada em Dança pela Universidade Federal de Sergipe. Professora do projeto Interfaces da Dança/PIBIX.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

PALAVRAS-CHAVE: Projeto de Extensão. Corpo. Improvisação em Dança. Deficiência e Inclusão.

ABSTRACT: This article promotes dance improvisation as a possibility for extension practices for people with disabilities in an inclusive way through a teaching process (Anastasiou, 2005). The study was conducted with the Institutional Program for Extension Initiation Grants (PIBIX) at the Federal University of Sergipe (UFS), with the Dance Interfaces Project (Dance Department), targeting people with disabilities. We aim to promote dance teaching based on the singularities of each body for class planning. The methodology involved with dance improvisation forms with or without prior agreements (Guerrero, 2007) structured the development of the classes and contributed to the effective inclusion of people with disabilities in the PIBIX/UFS program. The project included 40 people with multiple disabilities in a process of effective inclusion and respect for differences.

KEYWORDS: Extension Project. Body. Dance Improvisation. Disability and Inclusion.

RESUMEN: Este artículo promueve la improvisación de la danza como una posibilidad de extensión de prácticas para personas con discapacidad de manera inclusiva a través de un proceso de enseñanza (ANASTASIOU, 2005). El alcance del estudio ocurrió con el Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Extensión (PIBIX), de la Universidad Federal de Sergipe (UFS), con el Proyecto Interfaces de Danza (Departamento de Danza), teniendo como público objetivo las personas con discapacidad. Nuestro objetivo es promover la enseñanza de la danza a partir de las singularidades de cada cuerpo para la planificación de las clases. La metodología involucrada con formas de improvisación danzaria con o sin acuerdos previos (GUERRERO, 2007) estructuró el desarrollo de las clases y contribuyó a la inclusión de personas con discapacidad en el programa PIBIX/UFS. El proyecto incluyó a 40 personas con pluridiscapacidad en un proceso efectivo de inclusión y respeto a las diferencias.

PALABRAS CLAVE: Proyecto de Ampliación. Cuerpo. Improvisación de danza. Discapacidad e Inclusión.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa parte de práticas extensionistas mediadas no projeto de extensão *Interfaces da Dança*, no curso Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A partir da diversidade de pessoas com deficiência que



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

integrou o projeto, nos preocupamos em escolher práticas de dança que pudesse permitir a inclusão de todas as pessoas em um mesmo espaço de aula. Em virtude das singularidades de cada corpo, sugerimos relações de improvisação entre cada pessoa com objetos de uso cotidiano. A problemática surgiu mediante qual ou quais procedimentos precisaríamos proporcionar para o projeto, pensando em uma perspectiva de troca mútua de conhecimento. Com a ideia de *ensinoaprendizagem*, compreendido, assim, tudo junto, pensado na efetivação mútua de todos os envolvidos no projeto, tínhamos uma questão imprescindível: como estruturar uma prática de improvisação em dança com pessoas em cadeira de rodas, com espectro autista, com síndrome de down, de modo inclusivo?

Sabíamos que esta reflexão implicava compreender que a mediação não poderia estar pautada na ideia de emissor e receptor do movimento de dança. Logo, a noção de ensino deveria ser contextualizada com a preocupação de situar a partir de qual proposta de ensino estaríamos medindo nossas aulas. Nesta pesquisa, a viabilização da mediação pretendeu-se oportunizar ações emancipatórias e criar ressignificações sobre o processo de inclusão da pessoa com deficiência, evitando uma dança ratificada apenas na superação das limitações. Logo, nos policiamos para encontrar caminhos de realização de um projeto de extensão que fomentasse a pesquisa, voltada para o reconhecimento da singularidade dos corpos.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão (PIBIX) como uma ação intermediada pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), propôs a partir de um edital a demanda para o surgimento de projetos com intuito de viabilizar aos discentes, docentes e técnicos administrativos de nível superior, a elaboração e execução de propostas de intervenção na sociedade, por meio do desenvolvimento de projetos de extensão. Esse programa ratificou a relevância de instigar ações extensionistas no contexto da Universidade, apontando uma formação complementar na produção de



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

conhecimento, imbricada na relação entre sociedade e âmbito acadêmico.

Mediante a abertura do edital PIBIX/2017, o Projeto Interfaces da Dança estruturado e proposto por um dos professores do Departamento de Dança/UFS, iniciou suas atividades no dia 16/01/2017 até 15/12/2017, promovendo ações em dança na comunidade de Nossa Senhora do Socorro/SE (Praça da Cultura). As aulas do projeto, inicialmente, eram voltadas apenas para essa comunidade. No entanto, ao iniciarmos as atividades do projeto tivemos algumas solicitações para que as ações acontecessem, também, em Aracaju-SE. Com isso, as atividades do projeto passaram a atender a comunidade de Aracaju, no Departamento de Dança (Universidade Federal de Sergipe). Embora tenhamos atendido duas regiões, com contextos diferentes e, proposto algumas modalidades inicialmente de dança (Forró, Salsa, Estudos Contemporâneos em Dança e Improvisação), as ações voltaram-se com mais propriedade para os estudos improvisacionais em dança na interação com objetos.

O projeto Interfaces da Dança tinha como integrantes: 02 coordenadores, 15 monitores e 40 participantes das duas comunidades. As aulas ocorriam 3 vezes por semana, com carga horária total de 06 horas. Dentre os objetivos do projeto se fomentava discussões sobre o contexto da inclusão e a conscientização corporal individual e coletiva dos envolvidos a partir de práticas da improvisação em dança.

SABERES NECESSÁRIOS DA EXPERIÊNCIA: DANÇA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Ao pensarmos sobre o uso de terminologias quando estamos nos referindo ao deficiente, percebemos ainda pessoas utilizando os termos: portador de deficiência e/ou portador de necessidades especiais. Vale ressaltar que as utilizações destas nomenclaturas estão defasadas. O CONAD - Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, considera e sugere que a atual nomenclatura



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

convencionada pela ONU e adotada pelo Brasil, referente ao “deficiente”, deve ser utilizada pelo uso da terminologia: Pessoa com Deficiência. Essa ratificação está pontuada na Lei 13.146/2015, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) e instituído com o Estatuto da Pessoa com Deficiência, no qual apresenta regras e orientações para a promoção dos direitos e liberdades da pessoa com deficiência, com o objetivo de garantir a inclusão social e a sua cidadania. Esta nova legislação garante diversas condições de direito e estabelece punições para atitudes discriminatórias contra a Pessoa com Deficiência. Podemos argumentar a demanda de conquistas significativas que vêm ocorrendo no contexto de abordagens sobre a deficiência, logo convenhamos problematizar essas questões no âmbito do ensino da dança e especificamente no Projeto de Extensão Interfaces da Dança.

O projeto Interfaces da Dança está vinculado ao Departamento de Dança e faz parte do Programa de Bolsas de Iniciação à Extensão (PIBIX), por intermédio da Pró-reitora de Extensão (PROEX) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). O Programa tem como objetivo proporcionar aos docentes, discentes e técnicos administrativos a oportunidade de promover intervenções na comunidade, a partir de ações propostas. Deste modo o PIBIX legitima a Extensão Universitária como um princípio inconstitucional indissociável para o tripé Ensino-Pesquisa-Extensão no âmbito da universidade.

A universidade, através da extensão, influencia e também é influenciada pela comunidade, ou seja, possibilita uma troca de valores entre a universidade e o meio. A extensão universitária deve funcionar como uma via de duas mãos, em que a Universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade e também aprende com o saber dessas comunidades (ScheidemanteL, KLEIN E Teixeira, 2004, p. 2)

Trabalhar com a dança inclusiva em projetos de extensão é dedicar-se ao reconhecimento das potencialidades das diferenças, reconhecer as experiências individuais, criar meios para instigar uma participação efetiva na comunicação



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

afetiva com o coletivo que compõem a ação. O uso das técnicas em dança deve objetivar perspectivas para outros modos de dançar e para o desenvolvimento de aptidões e expressões artísticas.

Percebemos inicialmente no ingresso das aulas no Interfaces da Dança, alguns alunos entrarem na sala com insegurança para as ações propostas, com falta de expressão e postura corporal no desenvolvimento das movimentações, temerosos com relação ao desenvolvimento da técnica em dança. Ao percebermos essas questões, deixamos explícito que o objetivo do PIBIX não era, de modo algum, exigir movimentos simétricos de determinadas técnicas codificadas. Defendemos a dança como uma ação de cidadania através da arte, promovendo a acessibilidade ao conhecimento em dança e reconhecimento corporal como forma de comunicação entre os sujeitos.

Em se tratando de mediações corporais no ensino de dança para pessoas com deficiência é importante nos preocuparmos em quais tipos de descrição e instrução de qualidades de movimento devemos oportunizar para cada singularidade corporal, nesse processo de ensino. Argumentamos que o professor tem o papel crucial de criar meios para a construção e questionamentos sobre a utilização de instruções expressivas, para todos os alunos e com especial atenção ao aluno neófito, que pode, a princípio, não ter desenvolvido atenção para perceber possibilidades de movimentos a partir das suas singularidades.

Ao inserirmos a dança como ação educativa, almejamos e instigamos os participantes à conscientização dos movimentos e possibilidades corporais, dentro das suas limitações. Logo, trabalhar com diversas corporalidades dentro do contexto da pessoa com deficiência, nos proporciona diversidade de movimentos para a ação educativa e artística. Precisamos ratificar que a dança pode ser um processo de aprendizagem com formação participativa dos diferentes corpos que constitui nossa sociedade.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura (Freire, 1996, p.38).

De acordo com Freire (1996, p.38-41), “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Portanto, ao mediarmos dança apenas em instruções denotativas, impossibilitamos uma reflexão crítica sobre o corpo no contexto da dança e deficiência. O ensino da dança perpassa por várias áreas de conhecimento que podem servir como um meio para oportunizar ações que extrapolam o fazer dança, meramente técnico.

Precisamos instigar a movimentação como um todo, diante das suas possibilidades, e mediadas para conscientização e domínio corporal. Contudo, devemos persuadir noções sobre a compreensão de corpo, para que o aprendizado seja mútuo. Ao proporcionarmos uma ação de movimento, a forma de aprendizado de cada aluno, indubitavelmente, não é a mesma. E quando estamos diante de uma turma com inúmeras singularidades, essa noção de como o corpo assimila a informação pode ser complexa. Cada um terá seu tempo. Será que estamos dispostos a evidenciar essas questões sobre o corpo em uma aula de dança?

Para Greiner (2005), o corpo é entendido como um estado momentâneo e contínuo de informações, que ao entrarem em contato com o ambiente ou com outros corpos modificam-se conjuntamente. A autora afirma que o objetivo de trazer o corpo como mídia é entendê-lo como sendo um acordo provisório de acordos contínuos entre informações, transformação, armazenamento e produção. Há a necessidade de nos apropriarmos desses estudos para compreendermos com mais propriedade as ações do corpo e possibilitarmos produção de conhecimento no



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

contexto da extensão universitária, especificamente na inclusão das pessoas com deficiência.

A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do isso, implica a nossa habilidade de aprender a substantividade do objeto aprendido. A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto do conteúdo do que como sujeito crítico epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção (Freire, 1996, p. 69).

O educador tem um papel significativo na troca de conhecimento no processo de *ensino aprendizagem* em qualquer área de conhecimento. Segundo Freire (1996, p. 47), “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Sabemos que essas possíveis conquistas ratificam construções compartilhadas indispensáveis para o processo de *ensino aprendizagem* e contribuem para o desenvolvimento de potencialidades e habilidades de alunos com deficiência.

AÇÕES DE ENSINAGEM A PARTIR DA IMPROVISÇÃO EM DANÇA

A educadora Léa Anastasiou (2005) tem defendido que alguns verbos de ação utilizados em nossas concepções de ensino podem elucidar caminhos para uma intenção de apreender ou apenas para resultados desse “ensino”. Essa implicação é problematizada pela autora como alternativa para repensarmos nosso ensino pautado apenas na reprodução de conteúdo, com isso, a educadora propõe o conceito de *ensinagem*. Esse conceito significa um ensino que efetive o aprendizado compartilhado entre professor e aluno, para que tenhamos uma conscientização mais efetiva sobre qual ou quais metas necessitamos para um ensino significativo.

No entanto nossa meta se refere a apropriação do conhecimento pelo aluno, para além do simples repasse de informação, é preciso se reorganizar: superando o aprender, quem tem se resumido em processo de memorização, na direção do apreender, segurar, apropriar, agarrar, prender,



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

pegar, assimilar mentalmente, entender e compreender (Anastasiou, 2005, p.3).

É fato o compromisso que devemos assumir em refletirmos diariamente sobre nossa prática educacional. Importante nos perguntamos quais procedimentos precisamos adotar para alcançarmos essa meta pretendida? Por exemplo, nas mediações do projeto, tivemos vários tipos de pessoas com deficiências que nos proporcionaram desafios em relação a toda equipe de monitores e coordenadores. Contudo, ressaltamos que nosso intuito não estava em dar ênfase ao corpo deficiente, mas apresentar meios que permitissem um trabalho de percepção voltada para o como esses corpos podiam mover-se e fomentar outras possibilidades de movimento na prática da dança. As contribuições das diferenças trouxeram outros olhares, promovendo um fazer compartilhado.

A partir das reverberações das experiências do projeto entendemos que a noção de dança inclusiva deve estar engajada no desempenho do aluno para o reconhecimento das suas potencialidades, mediante as singularidades/diferenças do seu corpo. As estratégias que emergem do reconhecimento das possibilidades individuais de cada corpo viabiliza um leque de oportunidades através da arte da dança e que a escolha de qualquer modalidade de dança, esteja pautada como um meio e não apenas um fim.

Quando se fala em técnicas corporais, deve-se usar sempre o plural, pois não há apenas um corpo, e sim diferentes corpos sustentados pelas diversas experiências e técnicas corporais particulares. O corpo tem uma forma específica (daí a especificidade do sexo, do volume, do peso etc); o corpo é, ao mesmo tempo, memória, reservatório de uma história passada, e projeção do futuro, com sua bagagem genética, seus sonhos, desejos, projetos, etc (Strazzacappa, 2006, p. 45).

De acordo com a autora, em um trabalho com a dança, devemos nos conscientizarmos que existe uma pluralidade de técnicas para uma diversidade de corpos, logo uma técnica específica pode ser inviável para a adequação das



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

singularidades dos corpos. Mediante a experiência com o os alunos do projeto, essa questão foi pertinente. Explicitamos que o objetivo do PIBIX não era exigir movimentos simétricos de determinadas técnicas codificadas. E ratificamos a relevância de propormos o estudo da improvisação em dança como uma ação de emancipação dos sujeitos.

Trabalhar com a improvisação em dança na perspectiva de uma efetivação mútua de aprendizado, nos reforçou estarmos cientes que todo processo criativo deveria considerar as diferenças corporais como princípio das proposições no fazer dança. Sabemos que as escolhas de estratégias são fundamentais para promovermos a inclusão de todos os discentes nas ações. Esse fato, justifica determinadas escolhas ao promovermos a improvisação com o intuito de compreendermos mais sobre os corpos disponíveis para nossas aulas. E,

Constatamos que a improvisação pode acontecer de diferentes formas e em diferentes níveis numa aula. Mesmo em momentos diversos, entretanto, ela pode contribuir para a compreensão do ser humano e da dança como totalidades. Isso revela um processo de ampliação das possibilidades da improvisação e, possivelmente, da relação entre controle e espontaneidade para além da visão dicotômica (Krischker, Sousa, 2004, p. 21).

Esta compreensão ratifica a necessidade de propormos processos de improvisação que instiguem autonomias dos discentes e, para que isso aconteça, algumas escolhas são pertinentes. As propostas podem ser análogas a algum tipo de jogo que envolva o tempo e espaço como uma das características fundamentais para a criação.

De acordo com Gerrero (2008), apesar da tendência à regularidade, nessas mediações, a improvisação implica mudança de hábitos e esse olhar é necessário para investigarmos outras formas de movimentação do corpo. Portanto, podemos “dizer que a tendência dos improvisadores é de agir por insistências entre hábitos consolidados e em que a imprevisibilidade presente, opera entre reorganizações



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

dessas recorrências e possíveis bifurcações” (Guerrero, 2008, p. 8). Essas explicações se articularam com as proposições mediadas no Projeto Interfaces da Dança, instigadas pela interação com objetos do cotidiano, no intuito de criar uma aproximação com a perspectiva do conceito de *objeto-partner*⁴. Uma dança que se constrói na relação dessa interação:

No caso do objeto-partner, trata-se de se adotar um objeto qualquer para com ele explorar possibilidades de movimentação e disso extrair uma dramaturgia que resulta da relação do corpo com um objeto específico. Daí se chamar de partner esse objeto, uma atribuição que se dá a um parceiro, normalmente a uma pessoa com personalidade e corporeidade singulares (Berredo; Fernandes, 2012, p. 11)

Os autores argumentam a não existência de regras nesse diálogo, mas que determinado objeto oportuniza movimentações específicas que o corpo vai construindo nessa relação. Expõem que essa interação com um material banal não condiz apenas com um objeto cênico, mas sim com a forma como esse corpo se relaciona, ratificando a compreensão desse acessório como *objeto-partner*.

Ao proporcionarmos aos integrantes do projeto essas possíveis interações com os objetos, percebemos ações corporais exercidas para além da reprodução de técnicas codificadas de dança, evidenciando movimentações diversificadas que foram construídas a partir das possibilidades individuais de cada corpo.

Ao observarem seus objetos e pesquisarem as ações possíveis, propusemos que trouxessem as movimentações encontradas com o objeto, para que os colegas pudessem perceber outras formas de movimentações, que surgiram com o mesmo objeto estudado. Essas improvisações, segundo alguns integrantes, desencadearam algumas dificuldades na interação com o objeto. Por conseguinte, a recomendação

⁴ O conceito de *objeto-partner* foi criado pela coreógrafa Giselda Fernandes na Os Dois Cia de Dança/RJ. Essa noção propõe a utilização de objetos do cotidiano como parceiro para pesquisas em improvisações e composições coreográficas.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

era que: a partir dessas observações e pesquisas “distintas”, improvisassem tentando encontrar modos que evidenciassem o objeto como *objeto-partner*. Esse acordo de improvisação se articulou com duas formas de improvisações em dança, propostas nessa mediação: sem acordos prévios e com acordos prévios⁵.

O processo sem acordos prévios cria possibilidades de improvisações sem movimentos pré-definidos, dependendo unicamente das escolhas em tempo real dos envolvidos. A partir desse viés, conseguimos perceber a exploração de outras movimentações, oportunizando a expressividade individual e coletiva. As experiências desse acordo de improvisação, favoreceram a demonstração de autoconfiança, ratificando a necessidade de a dança não possuir regras, não existir um certo e um errado, e sim, almejando apenas sua própria dança.

No processo de acordos prévios, Guerreiro (2007) pontua que existem algumas regras antecipadas no ato de improvisar e apresenta duas subcategorias: improvisação em processos de criação, ações vivenciadas e organizadas para posteriormente servir como composição. Ou seja, um processo de improvisação com acordos anterior ao momento da apresentação, que foi experimentado pelos dançarinos para posteriormente gerar uma composição. A autora ainda propõe a possibilidade da improvisação acontecer, também, com roteiros que servem para orientar como o processo da pesquisa pode ser direcionado.

O termo roteiro aqui é adotado como regras prévias, relativas às condições e possibilidades de ocorrência da improvisação. Os roteiros servem como parâmetros, definindo: desenvolvimento da improvisação; e/ou tipos de movimentos; e/ou relações entre dança e outras linguagens; e/ou relações entre artistas; e/ou relação com público; etc. São restrições pré-determinadas a serem agenciadas durante apresentação, mantendo autonomia do artista sobre a composição (Guerrero, 2007, p. 4).

⁵ Princípios de improvisação em dança apresentados pela Coreógrafa e Mestre em Dança, Mara Franceschini Guerrero (2007).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

Na experiência com os integrantes do projeto, essas fundamentações conferiram outras possibilidades da ação de improvisar. Ao estipularmos um tempo para que os alunos fizessem uma composição em conjunto, a partir dos movimentos desenvolvidos nos processos de improvisação sem acordos prévios, percebemos contribuições significativas ao desenvolvimento de cada um. E apesar de existir um pré-acordo, cada aluno trouxe a sua criatividade nas ações de improvisação em/com a dança.

Batista (2016) propõe refletirmos as relações entre corpo e o objeto em processos de dança contemporânea. Ao olharmos essa presença do corpo e do objeto na criação, podemos apontar discursos que evidenciam uma composição em coletividade. O modo como cada corpo constrói relações com esses objetos, ratifica entendermos falas nessa coletividade coreográfica. Essa questão torna-se relevante ao trabalharmos com pessoas deficientes, no sentido de fomentarmos práticas de dança para além de uma ação de superação. O modo de organização coreográfica deve estar pautado com diálogos investigativos para uma composição coletiva, mediante essas singularidades/diferenças.

O corpo que se organiza por estratégias improvisacionais tem um processo de investigação corporal que pode trazer na cena, possibilidades outras a serem percebidas sobre a potencialidade do corpo, sem cair na questão da superação. As sensações do processo ratificam um fazer dança sem haver um jeito certo e sim um jeito particular de cada corpo se organizar.

Acreditamos que qualquer mediação em dança, seja no sistema de ensino informal ou formal, deva percorrer tais caminhos. Almejamos um ensino que contribua para dar subsídios aos discentes na construção de sua autonomia. Ao propormos o ensino de dança a partir de processos de improvisação, esperamos que o diálogo entre o saber pedagógico e artístico estejam imbricados, na construção de conhecimento em dança. A partir dessa compreensão, podemos



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

ratificar ações que viabilizem de modo palpável o processo de ensino aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a ação de extensão na universidade é um espaço de formação complementar para estudantes da graduação. Este projeto corrobora para reconhecermos a importância que as ações extensionistas ocupam no desenvolvimento de diálogos pedagógicos e artísticos na Licenciatura em Dança.

Algumas questões apontadas nessa pesquisa, ratifica a relevância de Projetos de Iniciação a Extensão, especificamente, com a temática da diversidade. Vale ressaltar que independentemente de uma técnica específica, a preocupação com os limites corporais da pessoa com deficiência deve ser fundamental em qualquer processo. A escolha da metodologia pode ser um diferencial quando se propõe a compreensão de uma ação compartilhada na prática docente.

O processo de inclusão pode estar imbricado em ações de exclusão. Elevar o tema deficiência para dança não parece uma proposta que promova a inclusão, tendo em vista o modo como os corpos estão sendo dispostos no processo, muitas vezes, ratificando estereótipos da pessoa com deficiência a partir da sua dança. A singularidade do corpo possibilita dialogar com variedades de propostas artísticas e possibilita desenvolvermos habilidades que contribuam para autonomia do aluno, desvinculado de um ensino em dança, com objetivo apenas de superação.

Sabemos que o conhecimento consciente da educação inclusiva é uma necessidade mais que urgente na capacitação de educadores. Necessitamos de mobilizações extensionistas e a criação de outras metodologias com o intuito de integrar outras singularidades do corpo no processo de *ensinagem*. É um compromisso e dever com a educação de promovermos um apreender efetivo e afetivo nas nossas ações em dança. Estamos preparados para propor ações educacionais em dança, mediante as singularidades/diferença do corpo da pessoa



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

com deficiência? Essa e muitas outras questões perpassam por nossas ações e embora saibamos que não existe uma metodologia padrão para o ensino, sabemos a relevância da atualização e capacitação recorrente do educador.

Destarte, diligenciamos contribuir para com as relações entre diversidade e dança. Aspiramos que este artigo fomente outras discussões, interações, correlações e conexões sobre o fazer dança para Pessoas com Deficiência. Portanto, percebemos a pertinência de mediações do educador como colaborador para a aprendizagem dos integrantes dentro de um processo de educação. A ação de extensão deve contribuir junto à comunidade para instigações do ato de analisar, criticar e ampliar seus conhecimentos sobre dança. Criar possíveis diálogos com outras áreas do conhecimento.

Este estudo esteve comprometido com considerações pertinentes sobre a ação pedagógica em dança na perspectiva da pessoa com deficiência. Explanar questões sobre corpo, educação e dança, dentro do contexto de *ensino aprendizagem* de programas de extensão, reforça esse contexto de ensino como um lugar potente, também, no ensino superior. A Extensão universitária ao ser considerada indissociável do tripé que compõe a universidade: ensino-pesquisa-extensão, atesta a necessidade dessa experiência como formação complementar no âmbito acadêmico. Nesse sentido, acreditamos que o projeto Interfaces da Dança se propôs a contribuir para a construção de uma visão mais ampla sobre o fazer dança na comunidade, no qual entendemos que as formas de mediação estão de acordo com a concepção da educação contemporânea. Dessa forma, o presente artigo se coloca como uma contribuição para compreendermos possibilidades outras de atuação educacional e intervencionista da dança.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa G. C. Ensinar, aprender apreender e processos de ensinagem. In: **Processos de Ensino em na Universidade**. Joinville, SC: UNIVILLE, 2005.

BATISTA, Maria Hilda. **Composição em dança contemporânea**: a relação entre corpo e objeto. Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança. Goiânia: ANDA, 2016.p. 469-480.

BERREDO, Hilton; FERNANDES, Giselda. **Palco e cidade na experiência de os dois cia de dança**. In: Periódicos do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC/UNIRIO. O Percevejo Online, 2012.

BRASIL. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Lei Brasileira de Inclusão Nº 13. 146.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GREINER, Christine. Por uma teoria do corpomídia. In: _____. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

GUERRERO, M. F. **O ato compositivo na improvisação em dança**: uma relação entre hábitos e mudança de hábitos. Paraná: Revista Travessias, 2008.

_____. **Formas de improvisação em dança**: dança, improvisação, composição. São Paulo: Summus, 2007.

PLANO NACIONAL DE EXETENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC. Brasil 200/2001.

STRAZZACAPPA, Márcia. **Entre a arte e a docência: A formação do artista da dança**. Campinas, São Paulo. Papirus, 2006.

SCHEIDEMANTEL, S. KLEIN, R. TEIXEIRA, L. **A Importância da Extensão Universitária: o Projeto Construir**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte, 2004.

KRISCHKE, A. M. A.; SOUSA, I. S. Dança improvisação, uma relação a ser trilhada com o lúdico. **Motrivivência**, Ano XVI, Nº 23, p. 15-27. Dez. /2004.

MARQUES, Isabel A. **Notas sobre o corpo e o ensino de dança**. Caderno



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 3, Set-Dez., 2024

Pedagógico, 2011.

<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/viewArticle/75>. Acesso em 03/08/2018.

_____. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

MARTINS, Cleide. A Improvisação em Dança: um processo sistêmico e evolutivo. In: Nora, Sigrid (Org.). **Húmus 2**. Caxias do Sul: Lorigraf, 2007.

STRAZZACAPPA, Márcia. **Entre a arte e a docência: A formação do artista da dança**. Campinas, São Paulo. Papyrus, 2006.

SCHEIDEMANTEL, S. KLEIN, R. TEIXEIRA, L. **A Importância da Extensão Universitária: o Projeto Construir**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte, 2004.